

enviando ao jornal o que tinha na gaveta e novas coisas que escrevia, contos e artigos, e o público se foi habituando a admirar o seu estilo fácil, correntio, simples, claro, muito diferente do dos escritores que colaboravam nas folhas da época. Quando deu por si, o fazendeiro estava em S. Paulo, “a dirigir a *Revista do Brasil*, a escrever e a editar livros, e sobretudo a revolucionar, sem pensar na coisa, a produção, comércio e distribuição de livros em todo o país”⁽²⁷³⁾. Na *Revista do Brasil*, realmente, Monteiro Lobato começa, preludia o movimento modernista. Como Lima Barreto, ele é um precursor, apesar de certas incompreensões, particularmente no terreno da pintura⁽²⁷⁴⁾. A *Revista do Brasil*, inclusive, revelou novos escritores, como Gastão Cruls, que usava o pseudônimo de *Sérgio Espínola*. A grande obra de Lobato, entretanto, foi a editorial: “E assim, de entremeio com novas edições dos *Urupês*, que com o seu *Jeca* cada vez mais agitava a literatura, a política e a sociologia indígenas, outras obras foram sendo mandadas para o prelo, e depois avidamente absorvidas pelo público, como as *Idéias de Jeca Tatu*, do mesmo Lobato, a suave, idílica, amena e cativante *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel, *Madame Pommery*, do endiabrado Hilário Tácito, *Livro de Horas de Soror Dolorosa*, do já vitorioso Guilherme de Almeida, e já não me lembro bem quantos nem que outros livros foi a *Revista do Brasil* despejando por esse país afora, tudo igualmente absorvido com a mesma sofreguidão pelo público, ante o pasmo de todos, desde o Lobato até os velhos rivais do ofício que, atônitos e maravilhados, andavam vsgos, sem atinar com a chave de tão escandaloso mistério”⁽²⁷⁵⁾.

(273) Leo Vaz: op. cit., pág. 66.

(274) Não se pode considerar modernismo, evidentemente, a estréia de Menotti del Picchia, em 1913, nem o seu poema *Moisés*, de 1917, ano em que, numa edição de 500 exemplares, feita em Itapira, apareceu o *Juca Mulato*; a palavra *mulato* era insólita, surgia escandalosa, mas não constituía símbolo de modernidade. Lasar Segall, em março de 1913, expusera em S. Paulo, com boa crítica. Em 1917, Anita Malfatti realiza a exposição a que se refere Monteiro Lobato, em sua crítica de 20 de dezembro desse ano, no *Estado de São Paulo*, edição da noite, a que Oswald de Andrade, sem referência direta, respondeu, pelo *Jornal do Comércio* de 11 de janeiro de 1918.

(275) Leo Vaz: op. cit., pág. 74. Leo Vaz explica ainda: “A primitiva rede de livrarias consignatárias foi aumentando e completando-se, até que já dificilmente haveria no Brasil uma freguesia ou povoado, onde houvesse dois ou três sujeitos capazes de adquirir e ler livros, aonde não chegasse pelo menos um pacote mensalmente com exemplares das edições da *Revista do Brasil*. (...) Até que, com o êxito alvissareiro da *Menina do Narizinho Arrebitado*, que patenteou novo veio do talento de Lobato, convenceu-se ele de que não podia continuar na dependência de tipografias alheias para a feitura de suas edições. O que atesta quão próspero era, nessa altura, o seu negócio. Usando então o crédito de que merecidamente dispunha, cuidou de montar oficina própria; e para isso encomendou nos Estados Unidos todos os maquinismos, aparelhos e material para o moderno estabelecimento gráfico com o qual pretendia dotar a já legalmente constituída Companhia Editora Monteiro Lobato. E quando estavam prestes a chegar a Santos as primeiras remessas da considerável